

REPRESSÃO MASCULINA EM *O MÉDICO E O MONSTRO*, *O REI DE AMARELO* E SUAS REPERCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS

Diego Moraes Malachias Silva Santos (UFMG)¹

Resumo: Nesse texto aborda-se a repressão de masculinidades não tradicionais e a consequente polarização da figura masculina em *O médico e o monstro* (1886) e *O rei de amarelo* (1895). Tendo em vista a confluência temática entre inclinações decadentes e góticas nas duas obras, investiga-se a tendência inicial de personagens masculinos reprimirem masculinidades não aceitas socialmente. Ademais, obras contemporâneas, como revistas em quadrinhos, revelam que essas duas narrativas ainda povoam grande parte de nosso imaginário cultural, mostrando que o desequilíbrio entre masculinidades tradicionais e não tradicionais ainda está presente tanto na literatura de horror quanto na cultura popular.

Palavras-chave: Masculinidades; Gótico; Decadentismo

Masculinidades, o gótico e o decadentismo estão em algum nível conectados a repressão. Em *O médico e o monstro* (*The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), obra clássica de Robert Louis Stevenson, a repressão de uma masculinidade libertina repudiada pelo discurso moral vitoriano culmina na geração de um duplo monstruoso que funciona como metáfora da hipocrisia e das falhas da moralidade inglesa durante o fim do século XIX. Na coleção de contos de Robert William Chambers, *O rei de amarelo* (*The king in yellow* (1895), frequentemente lida à luz do decadentismo europeu, a aparente recusa ao conservadorismo estético revela valores reprimidos que, na realidade, funcionam como crítica aos decadentes. Essa leitura está, ainda, presente em adaptações do duplo de Stevenson (como é o caso de super-heróis de revistas em quadrinhos) e da mitologia de Chambers, que inspirou novas obras. A repressão, seja de valores direta ou indiretamente associados a masculinidades, culmina na polarização da figura masculina através do duplo ou de incoerências em ideais artísticos.

A polarização em *O médico e o monstro* engloba a masculinidade como um todo, envolvendo questões morais, culturais e sociais. Em um artigo sobre profissões e masculinidades em obras de Stevenson e de H. G. Wells, Theresa Jamieson, notando que progresso e degradação caminhavam de mãos dadas na Inglaterra vitoriana, observa que, “para os primeiros vitorianos, evolução havia sido sinônimo de progresso, mas, pelos meados da década de 1880, a sociedade jazia à sombra do gêmeo obscuro de tal

¹ Bacharel em Letras (UFMG), Mestre em Estudos Literários (UFMG), Doutorando em Estudos Literários (UFMG). Pesquisa desenvolvida com apoio de bolsa CAPES. Contato: diegomalachias@gmail.com

progresso: a involução” (2009, p. 73, traduções minhas). “Isso fazia todo o sentido,” Jamieson aponta, “em um tempo em que teorias de degeneração eram abundantes” (2009, p. 73). Tal degeneração mostra sua face nas desobediências morais de Dorian Gray ou na Londres de Sherlock Holmes, apinhada de criminosos. No caso de Stevenson, ela é o contexto perfeito para a formação de monstros masculinos.

Por trás da faixa vitoriana de decoro e dignidade havia as compulsões das masculinidades uma sociedade inteira—e por trás de Jekyll há Hyde. O lado humano do duplo incorpora ideais masculinos inalcançáveis, enquanto, da frustração em cumprilos, surge o senhor Hyde. Além do dualismo moral da configuração do duplo de Stevenson, há o dualismo mais específico da masculinidade. Mason, Mangan e Walvin, nos lembram que, no século XIX da Inglaterra, a educação de jovens homens enfatizava o “atletismo, a rigidez, a pureza sexual e a coragem moral” (MANGAN; WALVIN, 1987 apud BEYNON, 2001, p. 27; MASON, 1982 apud BEYNON, 2001, p. 27). Do outro lado da mesma moeda estava o que Jamieson diz ter criado “uma patologia pública em volta da sexualidade masculina”: “escândalos jornalísticos envolvendo prostituição infantil e bordéis para homossexuais, além da cobertura da imprensa dos assassinatos [de Jack, o estripador] em Whitechapel” (2009, p. 74). Jamieson descreve o momento como uma histeria que desestabilizou ou arruinou o conceito de masculinidade de classe média. De acordo com ela, essa histeria é comunicada em *O médico e o monstro* via a estruturação do trabalho e do ócio. Esses conceitos, também duais, caracterizam o desequilíbrio masculino em Jekyll/Hyde.

O trabalho é, via de regra, considerado componente necessário da masculinidade tradicional. Diferentes práticas físicas (musculação, esporte) ou laborais (trabalho manual, ofícios de caráter físico), podem resultar, por exemplo, em percepções de diferentes níveis de virilidade. Beynon descreve discursos nos quais “novos homens”, com seus corpos produzidos em academias, são considerados uma versão falsificada de homens de verdade, cujos corpos foram moldados pelo trabalho manual no passado (2001, p. 128). Na seção de contexto teórico de minha dissertação de mestrado, cito também que, para a cientista social R. W. Connell,

É impossível ignorar como aquela “percepção corporal de masculinidade” [(CONNELL, 2005, p. 56)] traz consequências graves para certas relações de gênero. A ênfase no corpo de trabalhadores

manuais, [Connell indica], evidencia uma masculinidade que exclui mulheres da força de trabalho e exaure o corpo masculino ao longo de períodos extensos. Há também consequências para diferentes classes trabalhistas: enquanto as considerações acima aplicam-se à classe de trabalhadores manuais (colarinho azul), homens exercendo trabalho não-manual (colarinho branco), em suas escriturinhas, estão em posições anteriormente associadas a mulheres. (SANTOS, 2018, p. 11)

Apesar de essas considerações se aplicarem a sociedades contemporâneas, o raciocínio por trás delas, aliado à conceituação de trabalho como ato que modela e é modelado pelo corpo masculino, pode ser adaptado ao contexto literário vitoriano.

A dualidade moral de Jekyll e Hyde é masculina e está associada ao *status* social de práticas trabalhistas. Enquanto os personagens na novela de Stevenson são caracterizados por suas profissões (JAMIESON, 2009, p.76), a presença de Hyde sugere, como escreve Stevenson, “uma dissolução dos pactos de obrigações, uma liberdade desconhecida da alma, mas não uma liberdade inocente” ([200-?], p. 77). Tendo em vista as teorias vitorianas de degeneração e as relações de masculinidade e trabalho, tal “liberdade desconhecida” marca um ócio corrupto, uma preguiça quase pecaminosa.

Como na novela de Stevenson caracteriza-se a presença social dos homens através de suas profissões, ser livre de trabalho envolve ser, em parte, destituído de presença social. No contexto vitoriano, a não presença social é um afastamento da *gentlemanliness*, que, por sua vez, é um afastamento de uma *manliness* (masculinidade). Não é uma lógica de causa e consequência, pois não é a falta de trabalho que causa a monstruosidade de Hyde ou vice-versa, mas trata-se de uma correlação entre ócio, imoralidade, monstruosidade e desumanidade. A implicação é o que a narrativa já indica mais diretamente através da fórmula química do Dr. Jekyll: a construção dos *gentlemen* é tão frágil quanto o suposto progresso vitoriano.

Ao longo das décadas, o duplo Jekyll/Hyde tornou-se metonímia para tantas outras duplicidades, e a estrutura das masculinidades nessas relações de duplo se mantém similar à da narrativa de Stevenson. Um exemplo contemporâneo é a relação entre os alter egos de heróis de histórias em quadrinhos e suas identidades secretas. Linda Dryden nota que “as vidas duplas de super-heróis como Super-Homem, Batman e Homem-Aranha devem muito à visão de Stevenson dos cidadãos respeitáveis que levam

também uma vida dupla” e adiciona que “mais notável ainda é o Incrível Hulk, esse resultado monstruoso de um experimento que deu errado” (2010, p. 15). De fato, a dualidade dos super-heróis parece estar relacionada não apenas ao duplo em geral, mas também à masculinidade de Jekyll e Hyde em específico. Essa dupla monstruosa representa, tanto em aparência física quanto em comportamento social, uma masculinidade estranha e familiar, para não esquecer do ensaio clássico de Freud. O mesmo vale para os duplos adaptados para os quadrinhos.

Quando consideramos que o alter ego de um super-herói constitui um duplo, torna-se difícil ignorar as raízes desses duplos nos ideais da masculinidade tradicional. Em um artigo analisando a dualidade masculina em quadrinhos norte-americanos, Rafael Alves Azevedo desenvolve um argumento simples, porém sólido, sobre essa identidade dupla. Ele escreve,

o alter ego de personagens como super-heróis é um retrato de uma hipermasculinidade agressiva, sexualizada e invulnerável tanto emocional quanto fisicamente, enquanto sua identidade secreta civil [...] é um perdedor ridículo e deplorável. Essa dicotomia [...] parece sugerir ideias americanas de masculinidade hegemônica² que estão intimamente ligadas a sucesso e à noção de que a não conformidade gera uma identidade excluída socialmente. (2015, n.p.)

O Super-Homem e o Homem-Aranha são versões hipermasculinas de Clark Kent e Peter Parker, e Edward Hyde desempenha o mesmo papel em relação a Henry Jekyll.

Já nos contos de Chambers, personagens masculinos apresentam menos resistência a masculinidades não tradicionais, parecendo romper com tradições ao alegarem distância da moralidade e estética conservadoras—mas trata-se de um rompimento meramente nas aparências. Nos contos de *O rei amarelo*, personagens entram em contato com uma peça proibida, também fictícia, com o mesmo título da coleção de contos. A peça, cujo conteúdo costuma enlouquecer os leitores, apresenta o personagem do Rei de Amarelo, uma entidade malévola, poderosa e sobrenatural que reina em uma dimensão obscura e às vezes exerce sua influência sobre quem lê a peça.

² Termo descreve, com foco em relações de poder, a “forma atualmente mais respeitada de ser homem, [forma que exige] que todos os outros homens se posicionem em relação a ela, [...] ideologicamente legitimando a subordinação global de mulheres a homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005, p. 832). Primeiro uso provável em 1982 em *Ockers & Disco-maniacs: a discussion of sex, gender and secondary schooling*. Connell, desde então, atualizou o conceito, revisando-com com James Messerschmidt em 2005.

É o contato com o Rei que leva ao extremo uma dissonância já presente em certos personagens de Chambers: a vontade de transcender o permitido e o real acompanhada dos freios morais e estéticos do que a sociedade julga apropriado. A peça revela a inconsistência de personagens, que, ao final, revelam-se incapazes de seguir seus ideais vanguardistas.

No³ conto “O emblema amarelo” (“The Yellow Sign”), por exemplo, o Sr. Scott, pintor de quadros e narrador-personagem, declara que “jamais discuti moralidade com ela [Tess, sua modelo] e tampouco pretendia, em parte porque eu mesmo não tinha moral alguma” (2012, p. 49). Mais à frente, contudo, revela, “Eu sou católico. Quando atendo à missa solene, quando faço o sinal de cruz, sinto que tudo, incluindo eu mesmo, está mais alegre e, quando confesso, faz-me bem” (2012, p. 50). Pouco depois torna a insistir que “não presto”, que “vivi uma vida fácil e sem rumo, fazendo o que garantia dar prazer e às vezes me arrependendo amargamente das consequências” (2012, p. 51). O Sr. Scott, portanto, já se mostra incoerente desde o princípio. Após ele e Tess compartilharem relatos que misturam sonhos e experiências reais nos quais Scott era perseguido por um vigia noturno, eles encontram na biblioteca de Scott um livro que ele “há tempos havia decidido jamais abrir” e que “nada no mundo o persuadiria a comprar”: é *O rei de amarelo*. Nesse ponto, após tantas incoerências de Scott, é difícil compreender se devemos confiar nessas informações—*O rei amarelo*, banido, queimado pela igreja, conectado a assassinatos e suicídios, não parece a peça perfeita para um decadente despido de moral como Scott alega ser? Por que ele parece tão resistente a lê-la? De fato, ele lê a peça e nela encontra verdades abomináveis, encontra “palavras compreendidas por sábios e ignorantes, palavras mais preciosas que joias, mais tranquilizantes que música, mais horríveis que a morte!” (2012, p. 55-6). Por fim, Scott vê a morte de Tess, descobre que o vigia que o perseguia é um corpo decomposto há meses e sente a presença do Rei Amarelo, compreendendo que agora estava “além de qualquer esperança” (2012, p. 56). Os contrassensos de Scott terminam em morte, literal e figurativamente.

³ Os dois parágrafos seguintes são adaptados do texto “Livros incontroláveis e monstruosos nas obras de Robert W. Chambers, H. P. Lovecraft e Stephen King”, no qual abordo assunto análogo ao deste texto. Ele foi apresentado em comunicação oral na II Jornada Criadores e Criaturas na Literatura, promovida pelo Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG (NEJ) e pelo Núcleo de Estudos sobre Crimes, Pecados e Monstruosidades (CPM).

A suposta subversão e não convencionalidade de personagens como Scott, quando justaposta à arte realmente subversiva da peça de teatro, revelam incoerências internas, desestabilizando as supostas recusas de valores artísticos e morais. Scott, que diz “ter levado uma vida indolente e inconsequente” (2012, p. 51), só perde de fato o sentido e a razão ao entrar em contato com a peça. O que antes era caracterização de personagens típicos de uma obra com raízes decadentes se torna um discurso questionável. Seriam mesmo os personagens de Chambers assim tão amorais? Parece mais provável que habitem um estranho limiar entre a liberdade trazida pela amoralidade e as condutas ainda aceitas para um homem da época. Possuem aparência e a fama de subversivos, mas desfrutam da aceitação pela sociedade.

A natureza masculina da subversão após o contato com a peça não está presente apenas no senhor Scott: em adaptações da coleção de Chambers, ela fica ainda mais aparente. Na história em quadrinhos “Maldita rotina”, publicada em *O rei amarelo em quadrinhos*, uma coletânea de 2015, um empenhado homem de negócios lê uma versão da peça amaldiçoada e, ao ter contato com o universo proibido do Rei Amarelo, assassina brutalmente sua companheira grávida e seu animal de estimação. Na introdução ao volume, Carlos Orsi se pergunta se Chambers

não teria escrito *O Rei de Amarelo* como paródia ou denúncia das pretensões revolucionárias de contemporâneos vanguardistas como Oscar Wilde [...]. É como se Chambers lhes dissesse: se um dia vocês realmente escreverem o que aspiram a escrever, isto é o que acontecerá com o mundo. Vale a pena? (2015, p. 4)

Por mais que *O rei de amarelo* possa ser lido como exemplo da união entre uma estética decadentista e a literatura de terror, ele, ainda, critica essas estéticas e literaturas que lhe servem como base. Ao fazê-lo, esbarra também nos problemas da masculinidade de sua época, já que as falhas da moral decadente do artista, exemplificado pelo Sr. Scott, são também as falhas de sua moral masculina. O homem de negócios em “Maldita rotina”, mesmo que trazido ao contexto contemporâneo, é outro exemplo de como a mitologia de *O rei de amarelo*, mesmo que encobertamente, aborda problemas sociais de masculinidade. Esse homem de negócios pode não estar presente no original, mas, por ser tão similar aos personagens de Chambers, poderia estar. Airton Marinho e Marcos Caldas, respectivos roteirista e artista gráfico de “Maldita rotina”, ao trazerem para a

contemporaneidade os temas e convenções narrativas de Chambers, explicitam a relação danosa entre moralidade e masculinidade, mostrando que os dois, como também nos indica Stevenson através de seus *gentlemen* ingleses, estão conectados via um elo fragilíssimo.

Mesmo as construções masculinas atuais parecem herdeiras do gentleman inglês vitoriano, exemplar de figuras masculinas públicas dignas de poder político, de presença profissional—de voz. Por trás de cada um desses “homens de bem”, do século XIX, XX ou XXI, há os elos das convenções socioculturais que ligam masculinidade e moralidade. O que nos mostram *O médico e o monstro*, *O rei de amarelo* e suas adaptações é que esses elos, mesmo que permaneçam cumprindo sua questionável função de ligar masculinidade e presenças sociais e morais, já estão, há muito tempo, enferrujados. Para rompê-los não são necessários peças de teatro sobrenaturais ou drogas desenvolvidas por cientistas loucos. Basta bagunçar um pouco os limites do que é masculino.

Referências

- AZEVEDO, Rafael Alves. Deconstruction of Male Duality in American Comic Books: Robert Kirkman’s *Invincible*. **Sequart Organization**, 2015. Disponível em: <<http://sequart.org/magazine/57429/robert-kirkmans-Invincible-male-duality/>>. Acesso em: 4 set. 2018.
- BEYNON, John. **Masculinities and culture**. Milton Keynes: Open University, 2002.
- CHAMBERS, Robert W. **The king in yellow**. [S.l]: [s.n.], 2012.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. 1995. 2. ed. Berkeley: University of California, 2005.
- _____; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, 2005, p. 829-859.
- DRYDEN, Linda. Robert Louis Stevenson and popular culture. **Nordic Journal of English Studies**, v. 9, n. 3, 2010, p. 11-24.
- FREUD, Sigmund. The Uncanny. **Sigmund Freud, collected papers, vol. 4** Tradução Alix Strachey. New York: Basic Books, 1959, p. [???].

- JAMIESON, Theresa. Working for the empire: Professions of masculinity in H. G. Wells's *The Time Machine* and R. L. Stevenson's *The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*. **Victorian Network**, v. 1, n. 1, 2009, p. 72-91.
- KESSLER, S. et al. **Ockers & Disco-maniacs: A Discussion of Sex, Gender and Secondary Schooling**. Sidney: Inner City Education Centre, 1982.
- MARINHO, AIRTON E MARCOS CALDAS. Maldita rotina. In: Raphael Fernandes. **O rei amarelo em quadrinhos**. São Paulo: Draco, 2015. p. 65-84.
- ORSI, Carlos. Introdução. In: Raphael Fernandes. **O rei amarelo em quadrinhos**. São Paulo: Draco, 2015. p. 4.
- SANTOS, Diego Moraes Malachias Silva. **Masculinity as an open wound in Stephen King's fiction**. Belo Horizonte: UFMG, 2018. Dissertação de mestrado. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-AY6J3P>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- STEVENSON, Robert Louis. *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. **Planet PDF**, [200-?]. Disponível em: <<http://www.planetpublish.com/free-ebooks/187/the-strange-case-of-dr-jekyll-and-mr-hyde/>> Acesso em: 4 set. 2018.